

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCar
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
DEPARTAMENTO DE GERONTOLOGIA - DGero

CAMILA CORRÊA IANAGUI

FATORES SÓCIO-FAMILIARES ASSOCIADOS AO RECONHECIMENTO DE
EXPRESSÕES FACIAIS DAS EMOÇÕES EM IDOSOS

SÃO CARLOS

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCar
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
DEPARTAMENTO DE GERONTOLOGIA - DGero

CAMILA CORRÊA IANAGUI

**FATORES SÓCIO-FAMILIARES ASSOCIADOS AO RECONHECIMENTO DE
EXPRESSÕES FACIAIS DAS EMOÇÕES EM IDOSOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
de São Carlos como exigência da
disciplina Pesquisa 5: Monografia,
com orientação da Prof.^a Dr.^a Leticia
Pimenta Costa Guarisco.

SÃO CARLOS

2021

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS****COORDENAÇÃO DO CURSO DE GERONTOLOGIA - CCGero/CCBS**

Rod. Washington Luís km 235 - SP-310, s/n - Bairro Monjolinho, São Carlos/SP, CEP 13565-905

Telefone: (16) 33516660 - <http://www.ufscar.br>

declaração

Atesto para os devidos fins que no dia 29/10/2021, o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**FATORES SÓCIO-FAMILIARES ASSOCIADOS AO RECONHECIMENTO DE EXPRESSÕES FACIAIS DAS EMOÇÕES EM IDOSOS**” de autoria da aluna **CAMILA CORRÊA IANAGUI, RA 759864**, foi avaliado como parte das atividades da disciplina *Monografia de Conclusão de Curso: Pesquisa 5* e considerado **APROVADO**.

Orientadora: Profa. Dra. Leticia Pimenta Costa Guarisco

Banca examinadora:

Profa. Dra. Leticia Pimenta Costa Guarisco (orientador, presidente)

Ana Júlia Bomfim (membro titular)

Lucas Pelegrini N. de Carvalho (membro suplente)

São Carlos, 29 de outubro de 2021.

Profa. Dra. Keika Inouye
Coordenadora do Curso de Graduação em Gerontologia



logotipo

Documento assinado eletronicamente por **Keika Inouye, Coordenador(a) de Curso**, em 12/11/2021, às 11:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Assinatura

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufscar.br/autenticacao>, informando o código verificador **0532555** e o código CRC **ABF99A2A**.

DEDICATÓRIA

À minha avó, Maria Francisca da Conceição, minha grande inspiração de vida e quem me ensinou o carinho e respeito para com os idosos. A senhora com certeza fez parte de todo esse trajeto. Te amarei para sempre e incondicionalmente. Obrigada por ser a luz que me guia!

AGRADECIMENTOS

À Deus, por me permitir viver meus sonhos de formas inimagináveis, por me conceder saúde e sabedoria para enfrentar os obstáculos durante essa trajetória, e me iluminar nos momentos mais difíceis.

Agradeço meus pais, Marcelo e Rosimeire, por todo o apoio durante essa caminhada, por confiarem nas minhas escolhas e estarem sempre presentes mesmo com a distância.

Ao meu irmão Guilherme, por sempre me incentivar e acreditar no meu potencial, agradeço por nunca ter desistido de mim.

À minha família, em especial meus avós Tereza e Mário que, apesar da minha decisão de ter ido para tão longe, sempre me apoiaram e estiveram ao meu lado. Obrigada pelos conselhos, por todo o carinho e amor desde sempre, sou grata por ter vocês na minha vida. Aos meus tios Regina, Reginaldo e Talita, vocês são grandes inspirações para mim.

Às minhas amigas Beatriz, Larissa, Camila, Bruna e à minha prima e amiga Ludmilla que, mesmo distantes, se fizeram presentes em momentos difíceis. Obrigada pelos conselhos, conversas e risadas durante esse tempo.

À minha grande amiga Thaís, meu presente da graduação, que com certeza levarei comigo para a vida. Obrigada por todos os momentos que só nós sabemos que vivemos. Você com certeza foi fundamental para eu chegar até aqui, obrigada por toda a reciprocidade da nossa amizade. Companheira nos momentos mais felizes e difíceis durante toda essa jornada.

Ao Otávio, por aparecer na minha vida no momento certo e ter me dado todo o apoio, carinho, amor, compreensão, paciência e cumplicidade. Obrigada por me ajudar nos meus momentos de incertezas e inseguranças, e estar sempre acreditando em mim. Este trabalho não seria o mesmo sem você.

À minha professora e orientadora Letícia Pimenta Costa Guarisco, que me abraçou desde o começo deste projeto. Obrigada pela paciência, pelas correções e apontamentos que construíram esse trabalho e contribuíram para meu aprendizado.

Aos participantes voluntários desta pesquisa que me permitiram concluir esse trabalho, sempre dispostos e carinhosos comigo. Aprendi muito com vocês.

A todos que de alguma forma contribuíram para eu estar aqui, meus colegas de curso, e a UFSCar que me proporcionou conhecer pessoas incríveis e experiências únicas que jamais esquecerei.

RESUMO

As expressões faciais são uma importante fonte de comunicação, tanto de transmissão quanto de reconhecimento do estado emocional daquele que comunica. Fatores demográficos como sexo, idade e escolaridade, podem estar relacionados ao desempenho em tarefas de reconhecimento de expressões faciais das emoções (REFE). Poucos são os estudos que analisam a relação do REFE com o apoio sócio-familiar em idosos. Diante disso, o estudo visa verificar se há relação entre o suporte social e familiar com o reconhecimento de expressões faciais das emoções de participantes de um centro de convivência para idosos. Trata-se de um estudo com delineamento transversal, observacional e descritivo, realizado em um Centro de Convivência para idosos em um município do Estado de São Paulo. Foram excluídos da pesquisa aqueles que não compreenderam as avaliações propostas, ou que possuíam comprometimento cognitivo ou sintomas depressivos severos. A amostra do estudo foi composta por 30 voluntários, sendo que 4 eram homens e 26 mulheres, com a média de idades em 69 anos. Foram utilizados questionários para avaliar a situação sociodemográfica dos participantes, a funcionalidade familiar, por meio do “APGAR Familiar”, suporte social por meio do “*Medical Outcomes Study (MOS)*” e o instrumento para avaliação da habilidade de reconhecimento de expressões faciais das emoções “*Penn Emotion Recognition Test*”. O desempenho nos questionários foram correlacionados ao desempenho na tarefa REFE por meio da Correlação de Spearman. Observou-se que o aumento da escolaridade está relacionado a um melhor desempenho no reconhecimento da emoção tristeza ($p = 0,027$). A pontuação obtida no teste Apgar Familiar e no domínio Apoio Material do teste MOS tiveram correlação negativa e estatisticamente significativa com a emoção medo ($r = -0,586$ e $p = 0,001$; $r = -0,541$ $p = 0,002$, respectivamente). No domínio Afetivo, também do teste *MOS*, foi observada correlação positiva estatisticamente significativa ($r = 0,379$ e $p = 0,042$) com a emoção neutra na tarefa de REFE. Concluiu-se que o suporte social, mais especificamente o apoio material, e a funcionalidade familiar influenciam o reconhecimento facial da expressão de medo em idosos.

Palavras-chave: Envelhecimento; Reconhecimento Facial; Expressão Facial; Emoções; Apoio Social.

ABSTRACT

Facial expressions are an important source of communication, both for transmission and recognition of the emotional state of the person who communicates. Demographic factors such as gender, age, and education may be related to performance on tasks of recognition of facial expressions of emotions (REFE). Few studies analyze the relationship between REFE and socio-family support in the elderly. Therefore, the study aims to verify if there is a relationship between social and family support with the recognition of facial expressions of emotions in participants of a community center for the elderly. This is a cross-sectional, observational, and descriptive study, carried out in a Community Center for the elderly in a city in the State of São Paulo. Those who did not understand the proposed assessments or who had cognitive impairment or severe depressive symptoms were excluded from the research. The study sample consisted of 30 volunteers, 4 men, and 26 women, with an average age of 69 years. Questionnaires were used to assess the socio demographic situation of the participants, family functionality through the "Family APGAR", social support through the "Medical Outcomes Study (MOS)" and the instrument to assess the ability to recognize facial expressions of emotions "Penn Emotion Recognition Test". Questionnaire performance was correlated with performance on the REFE task using Spearman's correlation. It was observed that increased education is related to better performance in recognizing the emotion sadness ($p = 0.027$). The scores obtained in the Apgar Family Test and the Material Support domain of the MOS test had a negative and statistically significant correlation with the emotion fear ($r = -0.586$ and $p = 0.001$; $r = -0.541$ $p = 0.002$, respectively). In the Affective domain, also of the MOS test, a statistically significant positive correlation was observed ($r = 0.379$ and $p = 0.042$) with the neutral emotion in the REFE task. It was concluded that social support, more specifically material support, and family functionality influence the facial recognition of the expression of fear in the elderly.

Key words: Aging; Facial recognition; Facial expression; Emotions; Social support.

GLOSSÁRIO

DSM-5 - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

REFE - Reconhecimento de Expressões Faciais das Emoções

ERT - *The Emotion Recognition Task*

APA - *American Psychological Association*

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

MOS - *Medical Outcome Study*

GDS - Escala de Depressão Geriátrica

MEEM - Mini-Exame do Estado Mental

SPSS - *Statistical Package for Social Science*

CHG - Grupo de coabitação que vivem com idoso dependente

NCHG - Grupo de não coabitação de idosos e não vivem com idoso dependente

FERT - *Facial Emotion Recognition Test*

Mini-SEA - *Mini-Social cognition & Emotional Assessment*

CFPT - *Face Perception Test*

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Análise descritiva das variáveis sociodemográficas e de suporte familiar e social.	30
Tabela 2 - Descrição das variáveis Categóricas, sexo, estado civil, cuidador.	31
Tabela 3 - Desempenho no teste REFE segundo as variáveis sexo, estado civil, filhos e coabitação.	33
Tabela 4 - Correlação do REFE com as variáveis demográficas, suporte familiar e social.	34

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tarefa de Estímulos Estáticos.....	27
Figura 2 - Frequências das variáveis Sexo, Estado Civil, Filhos e Coabitação.....	31
Figura 3 - Médias do REFE por emoções (percentual).....	32

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. OBJETIVO.....	15
2.1 OBJETIVO GERAL.....	15
2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO.....	15
3. REVISÃO DA LITERATURA.....	16
4. MÉTODOS.....	26
4.1 DELINEAMENTO.....	26
4.2 LOCAL E PARTICIPANTES.....	26
4.3 INSTRUMENTOS.....	26
4.3.1 Avaliação Sociodemográfica.....	26
4.3.2 Avaliação de Funcionalidade Familiar.....	26
4.3.3 Avaliação de Suporte Social.....	27
4.3.4 Teste Penn Emotion Recognition Test.....	27
4.4 PROCEDIMENTOS.....	28
4.5 ASPECTOS ÉTICOS.....	29
4.6 ANÁLISE DOS DADOS.....	29
5. RESULTADOS.....	31
6. DISCUSSÃO.....	36
7. CONCLUSÃO.....	38
8. REFERÊNCIAS.....	39
9. ANEXOS.....	42
ANEXO A - Apgar Familiar.....	42
ANEXO B – Medical Outcome Study (MOS).....	43
ANEXO C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	44
ANEXO D - Parecer substanciado do CEP.....	46

1. INTRODUÇÃO

O termo Cognição Social emergiu em meados dos anos 70, como uma abordagem conceitual genérica, com o objetivo de compreender e explicar como as pessoas observavam a si próprias e aos outros, e como estas percepções poderiam explicar, prever e orientar o comportamento social (GARRIDO; AZEVEDO; PALMA, 2011). A habilidade de reconhecimento de expressões faciais das emoções está inserida no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), como um dos métodos para se realizar a investigação da Cognição Social (APA, 2013).

Sabe-se, que as expressões faciais são uma importante fonte de comunicação, tanto de transmissão quanto de reconhecimento do estado emocional daquele que comunica. A percepção de emoções é fundamental para a regulação da interação social, na medida em que fornece informações acerca do estado emocional e das intenções comunicativas. A capacidade de identificar o que os outros estão sentindo permite que o indivíduo responda mais adequadamente, evitando conflitos e regulando suas emoções (SCHERER; SCHERER, 2011; LUCHESI, 2018). São consideradas expressões faciais emocionais universais as seguintes: alegria, tristeza, raiva, medo, nojo e surpresa (EKMAN, 2011; COSTA-VIEIRA; SOUZA, 2014).

O processo de envelhecimento é caracterizado por diversas alterações fisiológicas, além de alterações na percepção e na cognição, que podem gerar prejuízos no reconhecimento de expressões faciais das emoções (FERREIRA, 2016).

O Reconhecimento das Expressões Faciais das Emoções (REFE) vem sendo analisado em diversos estudos e estes revelam que fatores demográficos como sexo, idade e escolaridade relacionam-se ao desempenho desta habilidade (SASSON et al, 2010; FERREIRA, 2016; DE SOUSA et al, 2018.). Sasson et al (2010) analisaram as variáveis sexo, idade e escolaridade em participantes de diversas faixas etárias e constatou um melhor desempenho na habilidade de reconhecimento facial nas mulheres e indivíduos mais jovens. A alegria foi a emoção identificada com maior precisão, enquanto a raiva foi a emoção menos identificada, independentemente do sexo ou faixa etária. Além disso, quanto maior a intensidade de uma emoção, melhor o desempenho do indivíduo. De Souza et al (2018) observaram que a escolaridade interferiu nos resultados obtidos na habilidade de REFE, sendo que o grupo de analfabetos obteve um desempenho inferior em relação ao grupo com 12 anos ou mais de

escolaridade.

A idade tem se mostrado um importante fator no desempenho em tarefas de REFE, sendo que pessoas idosas possuem um declínio no reconhecimento/percepção de expressões faciais das emoções, principalmente das negativas (medo, tristeza e raiva) (FERREIRA, 2016). Essa diferença de desempenho já foi explicada pela Teoria Estrutural, que trata do envelhecimento de estruturas cerebrais. Supõe-se que, de acordo com essa teoria, o pior desempenho cognitivo deveria estar associado ao pior desempenho na tarefa de REFE, uma vez que a habilidade de reconhecimento sofre influência do envelhecimento cerebral (FERREIRA, 2016).

A diferença no desempenho em tarefas em decorrência do envelhecimento também foi explicada pela Teoria da Seletividade Socioemocional, que afirma que pessoas idosas possuem uma maior preservação do reconhecimento de expressões faciais de emoções positivas pois, devido a uma perspectiva de vida limitada, suas relações e círculos sociais são mais satisfatórios quando comparados aos mais jovens (FERREIRA, 2016). Em um estudo comparando um grupo de idosos saudáveis com um grupo de jovens foi observado que os idosos caracterizavam mais emoções alegres em relação às neutras, ao contrário dos jovens que respondiam mais vezes para expressão facial neutra do que alegre. Os resultados reforçaram o efeito da positividade emocional em idosos, além de apoiar e ampliar a literatura sobre a Teoria da Seletividade Socioemocional (JOHNSON; WHITING, 2013).

Assim, pela Teoria da Seletividade Socioemocional, acredita-se que a tarefa de REFE pode ser influenciada pelo apoio social e composição familiar. Idosos que contam com uma rede de apoio social tendem a ser mais socialmente competentes, além de possuírem níveis mais elevados de qualidade de vida em relação aos que interagem apenas com o seu grupo familiar e com alguns amigos. A satisfação do idoso com as pessoas ao seu redor, a interação social, o convívio familiar, possuir amigos, o trabalho e a comunidade são essenciais para o processo de envelhecimento saudável, pois ajudam a amenizar e compensar diversas perdas funcionais, psicológicas e cognitivas decorrentes do envelhecimento, permitindo assim aos idosos vivenciarem a última etapa da vida de uma forma relativamente harmoniosa e bem-sucedida (CARNEIRO et al, 2007. FIDALGO; LANDIM; MELO, 2018, p. 3). Por outro lado, o idoso está numa situação de perdas continuadas, como a diminuição do suporte sócio-familiar, a perda do status ocupacional e econômico, o declínio físico continuado, a

maior frequência de doenças físicas e todos esses fatores contribuem para uma menor rede de apoio social (GARCIA et al, 2006).

A literatura tem apontado que elementos sócio-familiares parecem modular o reconhecimento de expressões faciais. Uma pesquisa revelou que os indivíduos que possuíam um elevado suporte social percebiam rostos felizes mesmo na ausência de uma expressão feliz, isso porque, segundo os autores, os rostos felizes eram compatíveis com as suas relações sociais positivas (TANZER, AVIDAN E SHAHAR, 2013). Outro estudo revelou que pessoas idosas que viviam com outro idoso funcionalmente dependente possuíam desempenho melhor na tarefa de REFE do que aquelas que não coabitavam com outro idoso (LUCHESE et al, 2018).

Apesar de se encontrar diversos estudos sobre o reconhecimento de expressões faciais das emoções, nota-se ainda escassez na literatura de pesquisas realizadas com idosos saudáveis e, principalmente, da influência dos fatores sócio-familiares no desempenho em tarefas de REFE. Assim, tendo como referencial teórico a teoria da seletividade socioemocional, este trabalho parte da hipótese de que o suporte social e familiar percebido pode estar relacionado ao reconhecimento de expressões faciais de emoções.

2. OBJETIVO

2.1 OBJETIVO GERAL

Verificar se há relação entre o suporte social e familiar com o reconhecimento de expressões faciais das emoções de participantes de um Centro de Convivência para idosos.

2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO

- Verificar o desempenho dos participantes em uma tarefa de reconhecimento de expressões faciais das emoções;
- Verificar se há relação da habilidade de REFE e fatores demográficos, como sexo, idade, escolaridade e estado civil;
- Verificar se há relação da habilidade de REFE e fatores sócio-familiares como composição e funcionalidade familiar, e suporte social.

3. REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo será apresentada uma breve revisão da literatura com os artigos pertinentes que subsidiaram esta pesquisa, expostos em ordem cronológica de publicação.

O estudo de Calder et al (2003) investigou o REFE a partir de expressões faciais ao longo da vida adulta. O estudo buscou analisar quais emoções ao longo do envelhecimento eram menos percebidas e quais permaneciam intactas ao longo da vida, partindo do pressuposto de que, com o envelhecimento normal, há um declínio em certas funções cognitivas e perceptivas. A pesquisa foi realizada por meio de três experimentos. No primeiro experimento, cujo objetivo foi verificar o desempenho de idosos no reconhecimento de expressões faciais das emoções, participaram quarenta e oito voluntários, sendo a metade entre 58 e 70 anos. Nesse experimento foi verificado que os idosos tiveram um desempenho significativamente pior do medo e, em menor medida, para a tristeza. Os experimentos 2a e 2b tiveram como objetivo investigar os efeitos do envelhecimento em relação ao reconhecimento das expressões das emoções faciais, pois os autores tinham o objetivo de analisar se o reconhecimento reduzido do medo demonstrava um declínio linear gradual ou uma deficiência de início súbito em uma determinada idade. Os experimentos 2a e 2b foram realizados com 227 participantes com idades entre 20 a 75 anos. O estudo concluiu que com o aumento da idade os participantes reconheciam menos os sinais faciais de medo, tristeza e raiva e, segundo os autores, uma das explicações para esse resultado é a associação entre a emoção medo e a amígdala. Estudos de neuroimagem demonstraram que a patologia temporal é uma consequência do envelhecimento normal, o que justificaria o pior desempenho no reconhecimento da emoção de medo em idosos.

Sasson et al (2010) realizaram um estudo com o objetivo de comparar as diferenças no reconhecimento expressões faciais das emoções segundo idade, sexo e escolaridade. A escolha dos participantes se deu através de voluntários que preencheram um formulário online com perguntas demográficas básicas (idade, sexo e nível de escolaridade), sendo necessário ser maior de 18 anos, compondo uma amostra de 7.320 participantes (1.989 homens, 5.331 mulheres). Foi utilizado o teste “*The Penn Emotion Recognition Task (ER-40)*”, que consiste em fotografias coloridas de expressões evocadas por atores treinados. O teste envolvia quatro emoções básicas (alegria, tristeza, raiva e medo), não havendo limite de tempo para selecionar as emoções. Como resultados principais, observaram melhor

desempenho para mulheres e indivíduos mais jovens. A emoção identificada como maior precisão foi de alegria, e a menos identificada foi raiva, sendo que quanto maior a intensidade da emoção, melhor o desempenho. A análise dos dados foi feita em três áreas: Precisão das respostas, tendência a escolher certos tipos de respostas e a precisão após controlar os vieses das respostas.

Souza, também em 2010, publicou um estudo reflexivo com o objetivo de compreender a existência de novos desafios quanto à análise das diretrizes emergentes na pesquisa da ligação entre emoção e expressão facial. O artigo teve o intuito de analisar a ligação entre emoção e comportamento facial, apontando principalmente para a consideração de dialetos emocionais específicos de cada cultura e para a influência dos aspectos sociais e comunicativos no comportamento facial, para além da emoção. Segundo a autora, questões como a influência da cultura versus a universalidade das expressões faciais da emoção merecem uma atenção cada vez mais específica dos investigadores desta área. A autora debateu ideias de outros autores como Ekman, 1997 apud Souza, 2010, que defende que as expressões faciais da emoção são involuntárias, isto é, não são feitas intencionalmente para transmitir uma mensagem. Sendo assim, as expressões emocionais seriam involuntárias e os movimentos faciais, intenções de comunicação. Ademais, nem todo o comportamento ou expressão facial é feito com intenção de comunicar, mas é fundamentalmente informação em contexto social. A autora também discutiu a abordagem da “Perspectiva da Ecologia Comportamental” que defende que as expressões faciais são instrumentos sociais utilizados na interação social, desenvolvidas para transmitir intenções sociais a uma audiência específica. A análise dos comportamentos faciais requer a análise do contexto social como um contexto relacional, onde estabelecemos interações e desenvolvemos relações com os outros. A multifuncionalidade da expressão facial nos contextos pode ir ao encontro dos novos desafios na investigação da expressão facial, pois permite compreender como é que a mesma expressão facial pode nos dar informações tão diferentes nos diversos contextos sociais. Ressaltou que qualquer que seja o estímulo, a interpretação das expressões faciais depende de um contexto. Segundo estudos analisados, os indivíduos são mais eficazes em reconhecer emoções expressas por membros da sua própria cultura do que em reconhecer emoções expressas por membros de um grupo cultural diferente. Portanto, propõe-se que o comportamento facial pode traduzir processos cognitivos, afetivos, mas também estratégias de auto apresentação, que só podem ser compreendidas pela análise dos contextos relacionais. Orgeta (2010) investigou se os efeitos da idade na habilidade de reconhecimento

de emoções eram sensíveis ao tipo de tarefa de identificação de emoção. Participaram do estudo oitenta adultos, sendo que metade destes eram estudantes universitários da graduação (27 mulheres e 13 homens), com média de idades entre 17 e 48 anos e a outra metade era composta por idosos residentes da comunidade (27 mulheres e 13 homens), com idades variando de 60 a 82 anos. Os dois grupos não diferiram em termos de avaliações de saúde ou anos de estudo, porém, foi observado que os idosos exibiram um declínio em sua capacidade visual em comparação com os adultos jovens. Foi utilizado o Mini-Exame do Estado Mental (MEEM) como forma de rastreio cognitivo para os participantes idosos. Foram apresentados no total 108 ensaios descrevendo as seis emoções fundamentais, retiradas da tarefa de rotulação de Expressões Faciais de Emoção: Estímulos e Testes. Cada tentativa consistia na apresentação simultânea da expressão emocional (alvo) e das opções de respostas, que poderiam ser duas ou quatro ou seis emoções, a partir das quais os participantes deveriam escolher a opção que melhor descrevesse a emoção apresentada. A análise comparativa das idades demonstrou que os idosos tiveram um desempenho inferior na condição de seis opções de resposta com viés para medo e tristeza, e para a condição das quatro opções de resposta, tiveram um desempenho inferior com viés para as emoções de surpresa, medo e tristeza. Nenhuma outra diferença foi observada entre os dois grupos etários. Foram observados que o principal efeito da idade foi em razão ao conjunto de interações, sugerindo que o padrão de diferenças de idade variava de acordo com a dificuldade da tarefa (número de rótulos) e entre emoções específicas. O estudo demonstrou que o menor número de opções apresentado diminui a probabilidade de diferenças relacionadas à idade. As descobertas demonstraram que a dificuldade da tarefa precisa ser cuidadosamente controlada ao examinar as diferenças de idade na habilidade de reconhecer a emoção facial e que as diferenças de idade observadas podem refletir mudanças relacionadas à cognição, ao invés do reconhecimento da emoção em si.

Para Ekman e Cordaro (2011), o adjetivo "básico" quando usado para descrever emoções, incorpora duas características principais. A primeira refere-se, que as emoções são discretas, significando que podem ser distinguidas fundamentalmente uma da outra, por meio da face, voz e contexto. A segunda característica incorporada no adjetivo "básico" é a visão de que as emoções evoluíram através da adaptação aos nossos arredores. Cada emoção básica nos leva a uma direção e nos permite reagir a tarefas fundamentais da vida e a situações universais como perdas, frustrações, sucessos e alegrias. O nosso organismo reage às emoções de forma inconsciente por meio de sinais emocionais no rosto e na voz. A

atividade do sistema nervoso autônomo regula nosso corpo enquanto padrões regulatórios modificam nosso comportamento, associados às memórias e expectativas construídas ao longo da vida.

Portanto, segundo os autores, fica evidente que muitas áreas do cérebro estão envolvidas na geração de comportamento emocional e que estamos sempre adquirindo comportamentos emocionais ao longo da vida, permitindo nos adaptarmos às circunstâncias da vida. É por isso que nossas respostas emocionais estão ligadas não apenas ao nosso passado evolutivo, mas também ao nosso passado pessoal e ao nosso presente.

Johnson e Whiting (2013) analisaram diferenças de idade na percepção emocional do reconhecimento expressões faciais das emoções de expressão única e de baixa intensidade. O objetivo do estudo foi ampliar a literatura sobre percepção emocional e efeito de positividade fazendo com que os participantes detectassem expressões emocionais sutis. O estudo tem como referencial a Teoria da Seletividade Socioemocional, que indica que adultos mais velhos tendem a reconhecer melhor emoções positivas, assim, o efeito da positividade reflete a regulação emocional desses indivíduos e metas de bem-estar. Por essa teoria, os adultos mais velhos priorizam as emoções positivas em relação às negativas. A amostra do estudo foi composta por 39 idosos de 61 a 83 anos, saudáveis e residentes da comunidade e 40 jovens de 18 a 23 anos. Nos resultados foi observado que idosos tendem a caracterizar mais emoções alegres, em relação às neutras e que jovens, ao contrário, respondem mais vezes para neutro do que para alegre. O estudo revelou importância por obter resultados que apoiam e ampliam a literatura sobre o efeito da positividade emocional em idosos.

O estudo realizado por Tanzer, Avidan e Shahar (2013), em Israel, examinou a capacidade do suporte social percebido para modular o reconhecimento de expressões faciais. A hipótese seria de que o suporte social percebido serviria como uma “lente protetora”, influenciando os indivíduos contra o reconhecimento de expressões de raiva e favorecendo o reconhecimento da expressão de alegria, uma vez que para os autores, o apoio percebido protege contra uma ampla variedade de resultados adversos. Segundo os autores, as expressões faciais emocionais revelam informações sobre o humor e intenções de quem expressa que podem ser interpretadas pelo observador durante a interação social. O estudo traz que um indivíduo que tenha um elevado suporte social pode perceber rostos felizes mesmo na ausência de uma expressão feliz, isso porque, os rostos felizes são compatíveis com suas representações sociais positivas. Com o objetivo de avaliar como o suporte social

percebido associado ao efeito do estresse interfere no reconhecimento de expressões faciais da emoção, os autores conduziram um estudo experimental, com uma amostra de 142 alunas do primeiro ano de um Departamento de Psicologia que responderam questionários sobre o suporte social percebido e sintomas depressivos. Além disso, induziram experimentalmente falha e sucesso em testes cognitivos comportamentais e após realizaram o teste de reconhecimento de expressão facial de emoções, para avaliar os efeitos interativos do estresse e suporte social. De maneira geral, o melhor suporte social foi relacionado a maior identificação de rostos felizes. Ao analisar o efeito estresse, as mulheres que possuíam baixo suporte social apresentaram maior identificação no reconhecimento da expressão de raiva. Para os autores, indivíduos com elevado suporte social têm um limiar mais baixo para detectar expressões felizes e um limiar mais alto para detectar expressões de raiva, ou seja, com o mínimo de pista ele já é capaz de identificar a alegria e ao contrário, demoram mais para perceber a raiva. Além disso, o suporte social percebido foi negativamente relacionado com os sintomas depressivos. Este estudo é o primeiro a testar a relação de suporte social percebido e percepção da expressão facial emocional abrindo caminhos para novas pesquisas.

Também em 2013, Mienaltowski et al, examinaram até que ponto os déficits de percepção facial das emoções relacionados à idade surgiram em mais de uma tarefa de discriminação visual direta, em que apenas duas categorias foram consideradas no teste. Em pesquisas anteriores, foi observado que há um impacto no reconhecimento de expressões faciais das emoções com o envelhecimento, e isso ocorre para expressões faciais negativas ao longo da vida adulta. Sendo assim, o estudo teve como objetivo, investigar a capacidade de adultos e idosos em uma tarefa de discriminação das expressões faciais negativas (raiva, tristeza, medo e nojo) em baixa (40%) e alta (80%) intensidade expressiva. A amostra do estudo foi composta por 77 voluntários, que viram fotografias individuais de rostos (homens e mulheres) contendo uma das quatro emoções negativas (raiva, tristeza, medo ou nojo) em duas intensidades (40% ou 80%). As fotos foram apresentadas em blocos de forma que cada emoção fosse emparelhada a outras emoções. Cada participante recebeu o bloco ordenado de forma aleatória e precisava indicar quais das duas emoções foram expressas em cada estímulo. Os resultados indicaram que as pessoas idosas foram significativamente piores em relação ao adultos mais jovens para discriminar as expressões faciais emocionais quando o nível de intensidade das fotografias era baixo para os pares Nojo/Tristeza e Medo/ Tristeza, e foram um pouco piores para Raiva/Medo e Medo/ Nojo. Em relação a discriminação entre

raiva e tristeza em baixa intensidade, adultos e idosos foram igualmente capazes de distinguir. Além disso, para fotografias de alta intensidade, idosos e os adultos mostraram desempenho semelhante. Os autores discutiram que as emoções negativas de medo e nojo tendem a ser observadas com menos frequência do que as emoções de raiva e tristeza na vida cotidiana de idosos, justificando o fato de que o maior desafio para os idosos no teste foi em relação a discriminação das emoções de baixa intensidade para medo e nojo. Foi observado, que os idosos exibiram uma capacidade de discriminação bastante alta para todos os pares emocionais, mesmo quando a intensidade expressiva era baixa, obtendo um desempenho de aproximadamente 81% de acertos. Para os autores, esses achados demonstraram que as diferenças de idade na discriminação visual de emoções surgem quando as medidas de detecção de sinal são usadas, mas que essas diferenças não são uniformes e ocorrem apenas em contextos específicos.

Calvo et al, (2014), sugeriu, após pesquisas transculturais e de laboratório, que algumas expressões faciais de emoção são reconhecidas com mais precisão e rapidez do que outras. Diante disso, os autores avaliaram a hipótese de que essas diferenças poderiam acontecer de acordo com a frequência em que cada expressão ocorresse nos encontros sociais, sendo assim, a familiaridade com as expressões contribuiria para as diferenças obtidas no desempenho do reconhecimento entre as expressões. A ideia dos autores é de que quanto mais frequentemente uma determinada expressão é encontrada, mais nos tornamos familiarizados com ela. Espera-se que o reconhecimento de uma expressão de ameaça seja reconhecido mais rapidamente do que expressões que não são de ameaça. Diante disso, foi utilizado, como método da pesquisa, uma amostra composta por 30 alunos do curso de psicologia (21-23 anos; 22 mulheres) que participaram como observadores no estudo. Foi realizado o teste em um período de 2 meses, em que os 30 observadores registraram as frequências das expressões para três dias não consecutivos pré-atribuídos. Foi solicitado aos observadores que ficassem atentos às expressões emocionais que notavam no rosto de outras pessoas ao longo do dia, tendo o cuidado para que os expressores não desconfiassem que estavam sendo observados, o que poderia enviesar o estudo. Os resultados indicaram que rostos felizes foram observados com mais frequência e rostos com medo foram observados com menos frequência do que qualquer outra expressão. Além disso, as mulheres exibiram mais expressões emocionais do que os homens para todas as expressões, exceto raiva, onde houve uma tendência oposta. O estudo concluiu que a expressão alegria foi a mais frequentemente encontrada em contextos sociais cotidianos, seguidos por surpresa, tristeza,

raiva, nojo e medo, que foram os menos frequentemente observados. A pesquisa aponta que a frequência da expressão na interação social do dia-a-dia contribui para a identificação da expressão, podendo levar o indivíduo a construir um modelo visual ajustado com mais precisão de suas características faciais e estrutura configural, o que pode então facilitar a tarefa de reconhecimento.

Ferreira e Alves (2016) realizaram uma revisão sistemática da literatura sobre o reconhecimento de expressões faciais das emoções em idosos. Segundo os autores, o estudo mostrou que os idosos possuem um declínio no reconhecimento/percepção de emoções, principalmente negativas. Os autores discutem essa tendência por meio da teoria estrutural, que trata do envelhecimento de estruturas cerebrais, e da teoria da seletividade socioemocional, que afirma que os idosos teriam uma maior preservação no reconhecimento de emoções positivas.

Yang (2017), buscou avaliar a percepção social de mudanças sutis na emoção facial. Para os pesquisadores a capacidade de perceber corretamente as expressões faciais de emoção pode variar entre diferentes emoções, e depende da capacidade de percepção social (reconhecimento de rostos, emoções e identidade social) que varia entre os indivíduos. Embora o estudo da emoção de alta intensidade tenha se mostrado útil, os pesquisadores argumentaram que expressões faciais mais sutis, ou seja, que têm intensidades mais baixas, são mais comuns nas interações sociais diárias. O estudo buscou analisar a relação entre o envelhecimento normal e a percepção de mudanças sutis na identidade facial e emocional em rostos de idosos. A amostra do estudo foi de 26 adultos mais jovens (sete homens e 19 mulheres; faixa etária 18-36 anos, idade média = 24 anos e escolaridade média de 15 anos) e 27 adultos mais velhos (sete homens e 20 mulheres; faixa etária 60-77 anos, idade média = 69 anos; e escolaridade média de 16 anos). Critérios de amostragem foram estabelecidos para garantir que os participantes fossem adultos típicos, sem qualquer dificuldade em compreender as instruções das tarefas ou deficiência visual. Além disso, foi utilizado o Mini-Exame do Estado Mental (MEEM) como rastreio cognitivo dos participantes mais velhos. Os pesquisadores desenvolveram uma série de novos testes baseados no *Cambridge Face Perception Test (CFPT)*. O CFPT-Happy foi desenvolvido usando rostos de adultos mais velhos como estímulos. A motivação do estudo se deu pois nos estudos atuais só eram utilizadas faces alvos de adultos jovens como estímulos, podendo influenciar o desempenho no teste a favor dos participantes adultos mais jovens, visto que estão mais acostumados a conviver com pessoas da mesma idade, desfavorecendo os adultos mais velhos. O CFPT foi

originalmente desenvolvido para estudar diferenças sutis na percepção da identidade facial. O teste basicamente apresenta seis rostos e um rosto alvo, sendo que o indivíduo tem que realizar uma sequência gradual de intensidade com os rostos do mais semelhante com o alvo para o menos semelhante. Durante o teste os participantes foram apresentados a seis rostos (de uma vista frontal) transformados entre a expressão de felicidade e uma expressão neutra em proporções variadas (25%, 20%, 15%, 10%, 5%, 0%). Os participantes foram solicitados a classificar os rostos de acordo com o quão felizes pareciam, desde o rosto que parece menos feliz até o rosto que parece mais feliz. Os resultados mostraram que não houve correlação entre gênero, anos de estudo ou qualquer outra variável de interesse. Descobriram que o envelhecimento está relacionado a declínios na capacidade de fazer discriminações visuais refinadas em relação à percepção da felicidade facial e identidade facial. Não foram observadas diferenças entre adultos jovens e mais velhos para a percepção de mudanças sutis em estímulos não faciais (utilizaram uma versão do teste para percepção visual de carros), indicando que as diferenças relacionadas à idade na percepção da identidade facial emocional e facial em rostos de adultos mais velhos são específicas da percepção social e não refletem mudanças gerais de domínio na discriminação visual refinada com a idade. Segundo os autores, uma das razões para a diferença entre os achados no estudo relacionados à percepção de felicidade diminuída em adultos mais velhos e trabalhos anteriores pode ser devido ao uso de estímulos emocionais de baixa intensidade mais sutis usados no estudo atual. Vários estudos anteriores usaram mais exemplos prototípicos de felicidade, que utilizam emoções de alta intensidade. Embora útil para estudar a percepção de emoção, as emoções de alta intensidade são menos comumente encontradas nas interações da vida diária. O autor discute que a teoria da seletividade socioemocional sugere que os adultos mais velhos podem apresentar déficits em comparação com os adultos mais jovens na percepção de emoções negativas devido a uma preferência por envolver/codificar sinais que promovem positividade, equilíbrio emocional, e bem-estar. No entanto, os achados do estudo entram em conflito com a teoria, pois foi observado declínios na percepção de emoções positivas em adultos mais velhos em comparação com adultos mais jovens. O estudo conclui que os adultos mais velhos apresentam dificuldades de percepção social, e que o envelhecimento está associado a declínios na capacidade de fazer julgamentos refinados na percepção da felicidade facial e identidade facial (de rostos de adultos mais velhos), mas não para a percepção não social (objeto).

O artigo de Lucchesi et al (2018) traz como objetivo comparar as habilidades de

reconhecimento de expressões faciais de emoções entre um grupo de coabitação (CHG) de idosos que vivem com um idoso dependente e um grupo de não coabitação (NCHG) de idosos que não vivem com um indivíduo idoso. O método do trabalho se deu através de entrevistas com 62 idosos no CHG e 56 no NCHG. Os dois grupos foram semelhantes em relação ao sexo, idade, escolaridade, grau de dependência, desempenho cognitivo e depressão. Foi aplicado a tarefa de REFE com as expressões de raiva, nojo, alegria, surpresa, tristeza e medo, e quatro níveis de intensidade foram administrados para avaliar o reconhecimento das expressões faciais das emoções. Como resultados principais, obteve-se que o CHG teve um desempenho melhor que o NCHG em relação à identificação correta de emoções, especificamente surpresa (para intensidade de 60%), nojo (para as intensidades de 60%, 80% e 100%), medo (para intensidade de 80%) e tristeza (para as intensidades de 80% e 100%). Portanto, os autores concluíram que a coabitação com um idoso parece oferecer benefícios para idosos no reconhecimento de emoções faciais.

O estudo realizado por De Souza et al (2018) teve como objetivo analisar as tarefas de cognição social, como a identificação de emoções para o diagnóstico de doenças neurocognitivas. Um dos desafios encontrados pelos pesquisadores foi o amplo uso do Teste de Reconhecimento de Emoção Facial (FERT) porém sem um conjunto de dados normativos, assim como o entendimento limitado de fatores demográficos, como idade, educação, gênero e formação cultural, levando a uma variação no desempenho do teste. Analisaram, portanto, o efeito dessas variáveis demográficas e culturais no desempenho da FERT, em uma grande amostra de indivíduos saudáveis brasileiros com nível educacional heterogêneo. O efeito do *background* cultural no mesmo teste foi investigado pela comparação do desempenho de sujeitos brasileiros e franceses pareados por sexo, idade e nível educacional. Ademais, forneceram também dados normativos para a população brasileira (DE SOUZA et al, 2018). O método de trabalho se deu através de uma amostra composta por indivíduos brasileiros saudáveis, de forma voluntária. Os participantes foram submetidos a uma entrevista padronizada, focada nos antecedentes neurológicos e psiquiátricos, além disso foi aplicado o teste MEEM, para a avaliação do nível cognitivo, e só foi incluído na amostra aqueles que obtiveram resultados acima das normas ajustadas para o nível de escolaridade. A amostra final do estudo foi composta por 203 participantes brasileiros (109 mulheres e 94 homens) com idade média de $48,8 \pm 19$ anos (faixa de 15 a 86 anos) e escolaridade média de $9,3 \pm 5,1$ anos (faixa de 0 a 22 anos). Os participantes foram divididos em sete grupos de acordo com a idade, da seguinte forma: Grupo 1 (15 a 20 anos); Grupo 2 (21 a 30 anos); Grupo 3 (31

a 40 anos); Grupo 4 (41-50 anos); Grupo 5 (51-60 anos); Grupo 6 (61-70 anos) e Grupo 7 (≥ 70 anos). Para investigar o possível efeito do *background* cultural no desempenho do FERT, compararam um subgrupo de participantes brasileiros ($n = 60$) com 60 franceses saudáveis, de um estudo anterior. Foram selecionados 60 sujeitos brasileiros da amostra completa ($n = 203$), combinando-os individualmente com os participantes franceses, por sexo, idade (± 2 anos) e nível de escolaridade (± 2 anos). Esse procedimento foi adotado para evitar um viés de seleção causado por essas variáveis. Os participantes franceses foram selecionados sob critérios de inclusão semelhantes utilizados na amostra brasileira: sem queixa cognitiva, ausência de história neurológica, neurocirúrgica ou psiquiátrica e escore normal no MEEM. O teste foi realizado através do FERT incluído no Mini-SEA, que dispõe de 35 fotos do portfólio de Ekman que são apresentadas em uma tela por 12 segundos. Sete emoções diferentes (alegria, tristeza, medo, nojo, surpresa, raiva e neutro) foram apresentadas cinco vezes cada, em uma ordem pseudo-aleatória. Os participantes indicaram oralmente qual emoção foi expressa e suas respostas foram registradas. Em relação ao gênero, não houve diferença de desempenho do score total e em cada sub-pontuação emocional na amostra brasileira. No entanto, na amostra francesa o resultado das mulheres foram melhores que os dos homens. Encontraram um efeito significativo do envelhecimento e da escolaridade no desempenho do FERT, sendo que sujeitos mais jovens e com maior escolaridade obtiveram pontuações mais altas. Foi demonstrado que há um declínio relacionado à idade no reconhecimento das expressões faciais das emoções, independentemente das habilidades básicas de percepção. Analisando-se a escolaridade, foi observado que o grupo de analfabetos teve o pior desempenho em todas as categorias do teste comparados com os demais grupos, e os participantes com maior grau de escolaridade tiveram melhor desempenho no teste. Os autores destacaram que as diferenças de escolaridade entre as amostras do Brasil e França se deu ao fato do contexto social brasileiro, onde os indivíduos mais velhos, muitas vezes, não tiveram o acesso ao ensino, diferentemente da população mais jovem das últimas 3 décadas que tiveram mais oportunidades de ir às escolas. Ainda assim, segundo os pesquisadores, são necessários mais estudos que relacionem a idade e a educação para o desempenho da FERT. Os dados fornecidos pelo estudo se mostram importantes pois a interpretação dos resultados do reconhecimento de emoções faciais variam em diferentes contextos culturais e devem ser levados em conta na concepção de novas ferramentas para avaliar o reconhecimento das emoções e outras habilidades sociais.

4. MÉTODOS

4.1 DELINEAMENTO

Foi realizado um estudo transversal, observacional e descritivo.

4.2 LOCAL E PARTICIPANTES

O estudo foi realizado em um Centro de Convivência para idosos em um município do Estado de São Paulo, sendo um equipamento vinculado à Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social, cujo objetivo é desenvolver ações de convivência e fortalecimento de vínculos, promovendo saúde e participação social aos usuários.

Para ser incluído no estudo era preciso frequentar o Centro de Convivência para idosos e aceitar participar da pesquisa, sendo excluídos aqueles que não compreenderam as avaliações propostas ou que apresentassem alteração cognitiva rastreada pelo mini-exame do estado mental (BERTOLUCCI et al, 1994), e presença de sintomas depressivos severos, rastreados pelo GDS-15 (ALMEIDA, 1999).

Dessa forma, a amostra do estudo foi composta por 30 voluntários, sendo que 4 eram homens (13%) e 26 mulheres (87%), com a média de idade de 69 anos, variando entre 55 e 88 anos.

4.3 INSTRUMENTOS

4.3.1 Avaliação Sociodemográfica

Para a obtenção dos dados sociodemográficos foi aplicado inicialmente um questionário com as seguintes perguntas: nome, data de nascimento, idade, escolaridade, estado civil, número de filhos, mora com quantas pessoas e se é responsável pelo cuidado de alguém.

4.3.2 Avaliação de Funcionalidade Familiar

Foi aplicado o questionário “Apgar Familiar”, criado por Smilkstein (1978) e adaptado para o português por Duarte (2001), composto por cinco questões que permitem a

mensuração da satisfação com membros da família, através de cinco componentes básicos na unidade e funcionalidade familiar. Os resultados foram convertidos em escores partindo de uma escala de respostas com cinco opções para cada um dos componentes avaliados e a somatória dos valores obtidos representou o escore do nível de satisfação familiar do entrevistado, sendo dividido em: 1-8 pontos elevada disfunção familiar; 9-12 pontos moderada disfunção familiar; 13-20 pontos boa funcionalidade familiar.

4.3.3 Avaliação de Suporte Social

Foi aplicado o questionário Medical Outcomes Study (MOS), criado por Sherbourne e Stewart (1991) e adaptado para o português por Andrade (2001), composto por 20 itens que cobrem cinco dimensões do apoio social sendo elas: apoio material, apoio emocional, acesso à informação, apoio afetivo e interação social positiva. Os escores para cada domínio variam de 20 a 100 pontos, sendo que quanto maior a pontuação, maior o nível de apoio social.

4.3.4 Teste *Penn Emotion Recognition Test*

Para avaliação da habilidade REFE foi aplicado o instrumento Penn Emotion Recognition Test, desenvolvido por Gur et al (2002). O teste é composto por 96 fotografias coloridas de expressões faciais estáticas com as seguintes emoções básicas: alegria, tristeza, raiva, medo e nojo, além de faces/rostos com expressão facial neutra. Em uma tela de computador, foram apresentadas 16 fotografias de cada expressão, sendo que as emoções básicas eram apresentadas em baixa intensidade (8 fotografias) e em alta intensidade (8 fotografias), portanto a pontuação varia de 0 a 16 pontos para cada emoção. Os participantes escolheram a valência emocional de cada expressão em uma tarefa de múltipla escolha realizada pelo computador, sem limite de tempo para as respostas. Para análise, foram utilizados o escore total de acertos e os sub-escores de cada expressão. Na figura 1 é apresentado uma das faces presentes no teste, sendo que era dessa forma que aparecia na tela para o idoso responder.

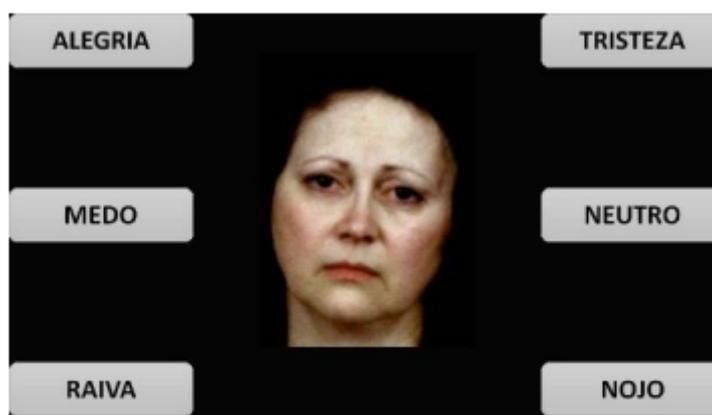


Figura 1. Tarefa de estímulos estáticos

4.4 PROCEDIMENTOS

Inicialmente foi realizado um rastreio através dos prontuários (institucional) dos idosos do Centro de Convivência para assim, elencar os possíveis participantes para a pesquisa. Foi verificado o resultado no teste *MEEM*, sendo que este possuía um intervalo máximo de aplicação de 6 meses nos usuários, para verificar o desempenho cognitivo dos idosos, além da verificação dos resultados no teste *GDS*, para analisar a presença de sintomas depressivos.

Os participantes que preencheram os critérios de elegibilidade foram convidados e aqueles que aceitaram participar da pesquisa foram direcionados a uma sala, para aplicação dos questionários de avaliação sociodemográfica, funcionalidade familiar e apoio social. Na sequência, foi feito o teste para analisar a habilidade de REFE.

Diante de uma tela de computador do tipo portátil Notebook DELL Inspiron 11, foi explicado ao participante que apareceriam na tela rostos/faces expressando uma das seis emoções (alegria, tristeza, medo, raiva, nojo e neutro) e o participante deveria responder qual emoção o rosto estava expressando, de acordo com as opções que apareciam na tela. Embora o teste fosse auto explicativo e elaborado para ser autoaplicável, o avaliador foi quem manuseou o computador conforme as respostas do participante, devido a baixa familiaridade da população avaliada com o uso de computadores, sempre com o cuidado de ser imparcial e deixando com que o avaliado respondesse a tarefa sem sua interferência.

4.5 ASPECTOS ÉTICOS

Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A pesquisa seguiu as recomendações éticas da Resolução CNS 510/2016 (Brasil, 2016), e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos (CAAE 85908218.8.0000.5504).

4.6 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados foram inicialmente digitados em uma planilha do programa Excel for Windows, e então, para o programa Statistical Package for Social Science (SPSS), versão 21.0. Para descrever o perfil da amostra, foi realizada estatística descritiva, com medidas de posição e dispersão (média, desvio-padrão, valores mínimo e máximo) para as variáveis contínuas e de frequência, com valores absolutos (n) e percentuais (%), para as variáveis categóricas.

Os valores médios do REFE foram comparados segundo as variáveis independentes estudadas. A escolha por se utilizar o teste não paramétrico *Mann-Whitney* foi devido a amostra do estudo ser de 30 participantes.

Para analisar a correlação entre o REFE e as variáveis quantitativas sociodemográficas foi utilizado o teste de *Coefficiente de Correlação de Spearman*, por se tratar de uma amostra com dados não normais. Para determinar o quão boa foi a correlação, utilizou-se a seguinte escala de classificação:

- 0% – 20%: Correlação péssima
- 21% – 40%: Correlação ruim
- 41% – 60%: Correlação regular
- 61% – 80%: Correlação boa
- 81% – 100%: Correlação ótima

(FONSECA, 1996).

Para todas as análises foi adotado p valor $< 0,05$, para atribuição de significância estatística (FIELD, 2011)

5. RESULTADOS

Foram avaliados no total 30 participantes de um Centro de Convivência para idosos. Na Tabela 1 tem-se a análise descritiva das variáveis estudadas. A amostra foi composta majoritariamente por mulheres, estado civil casado, com filhos e vivendo em coabitação com uma ou mais pessoas (Figura 2)

Tabela 1 - Análise descritiva das variáveis sociodemográficas e de suporte familiar e social

Variáveis	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Idade	30	55	88	68,67	7,622
Escolaridade (anos)	30	3	12	6,57	2,596
Número de Pessoas na Casa	30	0	2	0,83	0,592
Número de Filhos	29	0	5	2,34	1,518
Suporte Familiar (APGAR) Familiar	29	2	20	16,45	4,041
Suporte Social (MOS)	29	65	100	88,17	10,114
Apoio Material	29	20	100	85,69	21,286
Apoio Afetivo	29	60	100	93,59	10,256
Apoio Emocional	29	65	100	87,66	12,356
Interação Social Positiva	29	60	100	88,45	12,543
Apoio à Informação	29	50	100	85,45	14,508
N válido (de lista)	27				

APGAR: Apgar Familiar; MOS: Medical Outcome Study;

Na tabela 2 têm a descrição das variáveis categóricas, sexo, estado civil e se são cuidadores ou não.

Tabela 2 - Descrição das Variáveis Categóricas, sexo, estado civil, cuidador

Variáveis Categóricas	Frequência	Porcentagem
Mulheres	26	86,7
Homens	4	13,3
Solteiro	3	10
Viúvo	8	26,7
Casado	15	50
Divorciado	4	13,3
São cuidadores	2	6,7
Não são cuidadores	28	93,3

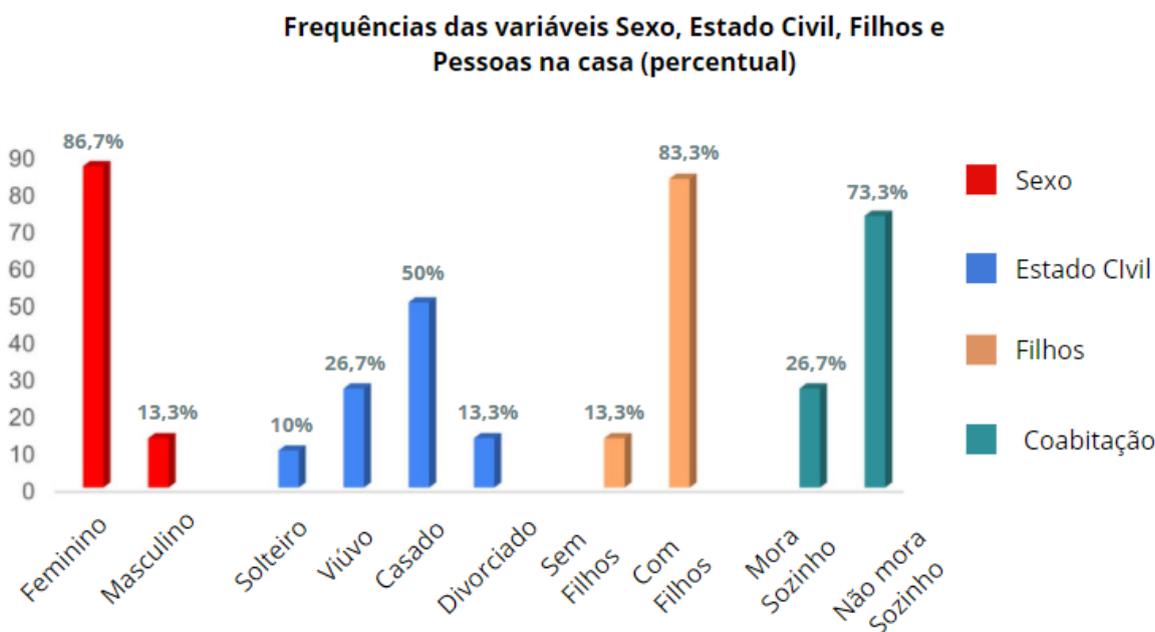


Figura 2. Frequências das variáveis Sexo, Estado Civil, Filhos e Coabitação

Na Figura 3 podemos observar as médias gerais do desempenho dos participantes no teste de REFE. O melhor desempenho geral foi para a emoção alegria (91,88%), seguida de Neutro (71,89%), e o pior desempenho foi para emoção Nojo (41,88%), seguida de Raiva (49,38%).

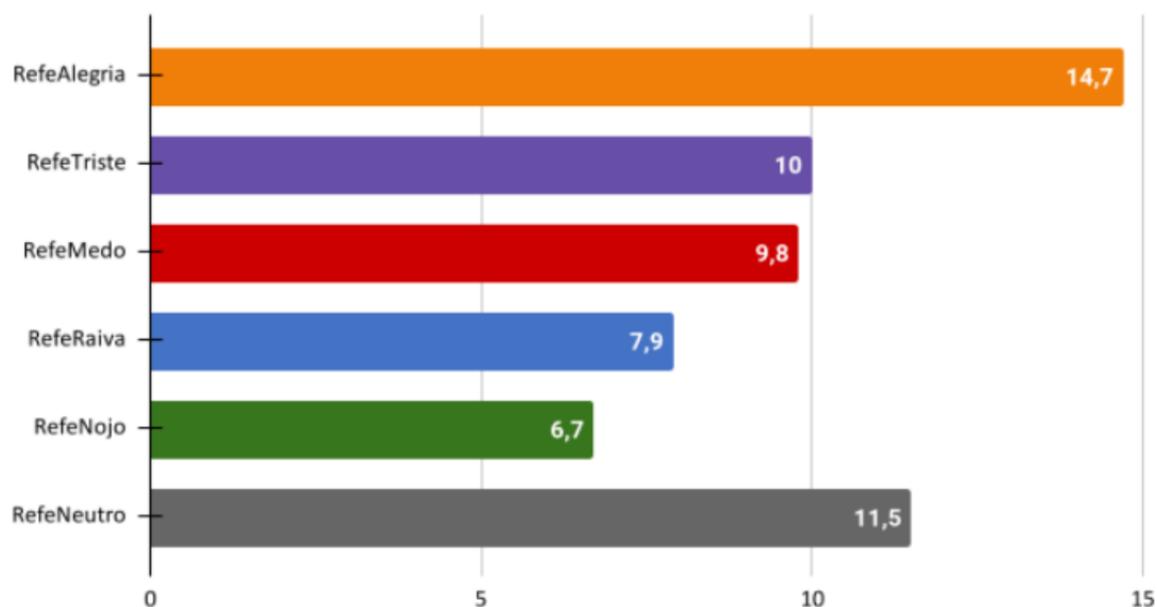


Figura 3. Médias do REFE por emoções

O desempenho na tarefa REFE foi estudado por emoção, segundo as variáveis sexo, estado civil, número de filhos e número de pessoas que coabitam. Os resultados demonstraram que mulheres idosas possuem desempenho melhor no reconhecimento de expressão facial para a expressão facial nojo em relação aos homens idosos. Estado civil, número de filhos e coabitação não se mostraram relacionados ao desempenho do REFE para nenhuma emoção.

Tabela 3. Desempenho no REFE segundo as variáveis sexo, estado civil, filhos e coabitação

Variável	N	Refe Total Média/ D.P	Refe Alegria Média/ D.P	Refe Triste Média/ D.P	Refe Medo Média/ D.P	Refe Raiva Média/ D.P	Refe Nojo Média/ D.P	Refe Neutro Média/ D.P	
Sexo	Feminino	26	61,0/ 6,2	14,7/1,5	10,0/1,7	9,9/2,6	8,1/1,5	7,0/2,7	11,2/3,1
	Masculino	4	57,8/8,7	15,0/2,0	9,8/1,9	8,5/2,1	6,8/2,4	4,5/1,3	13,3/2,8
	p Valor	-	0,576	0,245	0,930	0,220	0,198	*0,044	0,271
Estado Civil	Casados	15	60,5/6,7	15,0/1,1	9,7/1,7	9,8/2,5	7,8/2,1	6,5/2,4	11,7/2,8
	Outros*	15	60,6/6,5	14,4/1,9	10,3/2,1	9,7/2,8	8,1/1,2	6,9/2,9	11,3/3,5
	p Valor	-	0,775	0,345	0,174	0,870	0,838	0,512	0,902
Filhos	Não Possui	4	55,5/6,4	12,8/2,9	10,0/2,6	7,5/3,1	8,0/2,2	5,5/1,3	11,8/0,5
	Possui	25	61,4/6,4	15,0/1,0	9,9/1,6	10,2/2,4	7,9/1,7	7,0/2,7	11,4/3,4
	p Valor	-	0,124	0,700	1	0,109	0,784	0,227	0,831
Coabitação	Mora sozinho	8	62,5/6,9	15,1/0,6	9,9/2,4	9,5/2,8	8/1,4	7,4/3,4	12,6/3,2
	Coabita com outras pessoas	22	59,9/6,3	14,6/1,7	10,1/1,4	9,9/2,6	7,9/1,8	6,4/2,4	11,1/3,1
	p Valor	-	0,534	0,730	0,836	0,836	0,909	0,320	0,202

Teste estatístico *Mann-whitney*

*significância estatística.

Na matriz de correlação (Tabela 4) observa-se que o aumento da escolaridade está correlacionado a um melhor desempenho no reconhecimento da emoção tristeza ($R = 0,41$ $p = 0,027$). O suporte familiar, bem como o Apoio Material (domínio do teste MOS), apresentaram correlação negativa e estatisticamente significativa com a expressão de medo ($R = -0,59$ $p = 0,001$ e $R = -0,54$ $p = 0,002$, respectivamente). Já em relação ao domínio Afetivo, também do teste MOS, foi observado correlação positiva com a expressão facial neutra do teste de REFE, porém considerada de fraca magnitude ($R = 0,38$ e $p = 0,042$) (Tabela 4).

Tabela 4 - Correlação do REFE com as variáveis demográficas, suporte familiar e social.

Variáveis		Refe Total	Refe Alegria	Refe Triste	Refe Medo	Refe Raiva	Refe Nojo	Refe Neutro
Idade	r	-0,15	0,14	-0,26	-0,28	-0,07	-0,16	0,04
	p valor	0,434	0,457	0,165	0,154	0,700	0,386	0,827
	N	30	30	30	30	30	30	30
Escolaridade	r	0,34	0,11	0,41	0,14	0,21	0,56	0,09
	p valor	0,065	0,572	0,027*	0,471	0,277	0,443	0,647
	N	30	30	30	30	30	30	30
Suporte familiar (APGAR)	r	-0,36	0,01	-0,08	-0,59	-0,24	-0,16	-0,03
	p valor	0,056	0,961	0,664	0,001*	0,203	0,413	0,889
	N	28	28	28	28	28	28	28
Suporte Social (MOS total)	r	-0,04	0,24	0,09	-0,36	0,08	0,11	0,07
	p valor	0,848	0,214	0,622	0,056	0,693	0,560	0,739
	N	29	29	29	29	29	29	29
Apoio Material	r	-0,28	0,03	-0,07	-0,54	0,04	-0,02	-0,07
	p valor	0,139	0,886	0,718	0,002*	0,828	0,913	0,717
	N	29	29	29	29	29	29	29
Apoio Afetivo	r	0,23	0,26	-0,02	-0,19	-0,02	0,17	0,38
	p valor	0,226	0,173	0,934	0,334	0,905	0,376	0,042*
	N	29	29	29	29	29	29	29
Apoio Emocional	r	-0,30	0,12	0,03	-0,31	-0,16	-0,02	-0,23
	p valor	0,121	0,541	0,870	0,20	0,41	0,93	0,24
	N	29	29	29	29	29	29	29
Interação Social Positiva	r	0,12	0,363	0,061	-0,126	0,041	0,122	0,235
	p valor	0,535	0,053	0,753	0,513	0,832	0,529	0,22
	N	29	29	29	29	29	29	29
Apoio à Informação	r	0,125	0,27	0,259	-0,209	0,3	0,054	0,109
	p valor	0,517	0,157	0,174	0,277	0,114	0,783	0,573
	N	29	29	29	29	29	29	29

Teste de Correlação de Spearman

APGAR: Apgar Familiar; MOS: Medical Outcome Study;

* significância estatística

6. DISCUSSÃO

O presente estudo foi realizado com população frequentadora de um centro de convivência para idosos, com idade mínima de 55 anos e máxima de 88 anos, com a média de 68,6 anos, e características de envelhecimento saudável sob o ponto de vista biopsicossocial. A pesquisa buscou analisar o desempenho no reconhecimento de expressões faciais das emoções em idosos e sua relação com os fatores sociodemográficos e o suporte social e familiar. De maneira geral, foi observado que a emoção de alegria foi a mais identificada corretamente pelos idosos, seguida pela expressão facial neutra, enquanto as emoções negativas de nojo, raiva, medo e tristeza foram as menos identificadas. Em relação às variáveis quantitativas comparadas ao teste de REFE, observa-se uma correlação significativa ($p=0,001$) entre o teste *Apgar Familiar* e a emoção de medo no teste de REFE. No domínio de Apoio Material do teste *Medical Outcome Study (MOS)*, foi observado uma correlação significativa ($p=0,002$) também em relação à emoção de medo. Já em relação ao domínio Afetivo, também do teste *MOS*, foi observado uma significância de ($p=0,042$) em relação à emoção neutro do teste de REFE. Observa-se ainda, que a variável escolaridade obteve significância estatística ($p=0,027$) em relação à emoção triste no teste de REFE.

A literatura aponta que pessoas mais jovens respondem mais precisamente à expressão facial das emoções negativas (raiva, tristeza e medo), enquanto idosos respondem mais precisamente às emoções positivas e de alta intensidade. Johnson e Whiting (2013), analisaram as diferenças da idade no reconhecimento de expressões faciais das emoções de baixa intensidade, estudando 39 idosos saudáveis e 40 jovens. Encontraram que os idosos tendem a caracterizar mais expressões faciais de alegria em relação às neutras, ao contrário dos jovens que responderam mais vezes para expressão facial neutra do que alegria. Os pesquisadores reforçaram com os resultados do estudo o efeito da positividade emocional em idosos, apoiando e ampliando a literatura sobre a Teoria da Seletividade Socioemocional, que aborda que indivíduos idosos tendem a reduzir sua rede de relacionamentos, porém priorizam relações saudáveis e que tragam segurança emocional e qualidade afetiva. Diferentemente dos indivíduos mais jovens, que tendem a ter maior rede de relações, porém não de qualidade, as pessoas mais velhas descartam relacionamentos irrelevantes ou que sejam prejudiciais ao seu bem-estar.

A identificação da expressão facial da emoção tristeza foi melhor reconhecida em

peessoas idosas mais escolarizadas (Tabela 4), e mulheres obtiveram melhor desempenho na identificação do nojo do que homens (Tabela 3). A relação entre o desempenho em tarefas REFE e escolaridade já foi apontada em um estudo anterior, em que o grupo de analfabetos teve o pior desempenho em todas as categorias do teste comparado com os demais grupos, sendo que participantes com maior grau de escolaridade tiveram melhor desempenho no teste (De Souza et al. , 2018). No presente estudo, a amostra não apresentou idosos analfabetos, sendo que a escolaridade mínima foi de 3 anos de estudo e a máximo 12 anos.

Em relação ao desempenho na tarefa e as diferenças entre os sexos, sabe-se que as mulheres respondem melhor que os homens (SASSON et al, 2010; DE SOUZA et al, 2018). Uma das explicações, poderia ser, que as mulheres exibem mais expressões emocionais do que os homens para todas as expressões faciais, exceto raiva. Estudos anteriores abordam que mulheres são mais expressivas que os homens e não somente pela experiência emocional, mas também por respostas fisiológicas, onde a expressividade facial é aprimorada para elas. Essas diferenças de gênero aparecem cedo, durante a infância e aumentam com a idade (CHAPLIN; ALDAO 2013 apud CALVO, 2014, p. 562). No presente estudo, os resultados podem ter sido enviesados pois a amostra era composta expressivamente por mulheres.

Os resultados mais interessantes e originais aqui apresentados referem-se a correlação negativa encontrada entre a emoção medo e a pontuação obtida no teste Apgar Familiar e suporte material (domínio do teste MOS), que refere-se ao apoio de pessoas para realizarem tarefas caso haja alguma necessidade, como preparar suas refeições ou levá-lo ao médico. Esses resultados indicam que quanto maior a funcionalidade familiar e o suporte material, menos o indivíduo reconhece a expressão medo. Segundo Calvo et al (2014), a frequência da expressão facial da emoção na interação social do dia-a-dia contribui para a identificação da expressão, pois ajuda o indivíduo a construir um modelo visual ajustado com mais precisão de suas características faciais e estrutura configural, o que pode então facilitar a tarefa de reconhecimento da expressão facial da emoção. Os autores verificaram que os rostos felizes foram os mais frequentemente encontrados em contextos sociais cotidianos, seguidos por rostos surpresos, tristes, com raiva, nojo e medo, que foram os menos frequentemente observados. Assim, indivíduos que não vivenciam emoções negativas, como o medo, em suas relações sociais e familiares podem ter dificuldades de reconhecê-las nas expressões faciais. Esse achado pode justificar o desempenho no reconhecimento da expressão facial medo na presente pesquisa, uma vez que em famílias saudáveis e com melhor suporte material, a expressão de medo é menos observada nessas relações próximas.

Reforçando essa hipótese, Tanzer, Avidan e Shahar (2013), examinaram a capacidade do suporte social percebido para modular o reconhecimento de expressões faciais, e verificaram que um indivíduo com um elevado suporte social percebe rostos felizes mesmo na ausência de uma expressão feliz, isso porque, os rostos felizes são compatíveis com suas representações sociais positivas. Para os autores, indivíduos com elevado suporte social têm um limiar mais baixo para detectar expressões felizes e um limiar mais alto para detectar expressões de raiva, ou seja, com o mínimo de pista ele já é capaz de identificar a alegria e ao contrário, demoram mais para perceber a raiva (emoção negativa).

A importância do suporte familiar no reconhecimento das expressões faciais da emoção também foi demonstrada por Lucchesi et al. (2018), que analisaram indivíduos que coabitavam com idosos dependentes e verificaram que a coabitação com um idoso parece oferecer benefícios para idosos no reconhecimento de expressões faciais das emoções. Esses achados complementam os resultados aqui apresentados, em que indivíduos que demonstraram boa funcionalidade familiar, no teste Apgar Familiar, reconheceram menos a emoção de medo, demonstrando assim, que não somente a convivência com outros indivíduos influencia o reconhecimento de expressões faciais das emoções, mas também a qualidade dessas relações no cotidiano.

O presente estudo possui algumas limitações que devem ser consideradas. A amostra de conveniência, ficou limitada em tamanho, além disso, o número de mulheres em relação aos homens foi significativamente maior, o que pode ter influenciado em alguns resultados. Por se tratar de uma pesquisa realizada em um campo específico (centro de convivência para idosos), em que o público é majoritariamente feminino, essa amostra pode ter ficado restrita, sendo assim, estudos posteriores, podem abranger mais esse público pensando em idosos saudáveis da comunidade. Além disso, seria interessante estudar com maior representatividade diversas composições familiares, como a presença de filhos e crianças na vida do idoso, a intergeracionalidade, buscando assim, mais informações sobre a importância da rede de suporte social do idoso e sua relação com a habilidade na tarefa de reconhecimento das expressões faciais das emoções.

7. CONCLUSÃO

Conclui-se, por meio desse estudo, que houve correlação entre a rede de suporte social e familiar com a tarefa de reconhecimento de expressões faciais das emoções em idosos. Além disso, fatores demográficos como o sexo e a escolaridade, também influenciaram na habilidade de reconhecimento de expressão facial da emoção. O estudo é inovador na investigação da associação entre as variáveis sócio-familiares e ao estudo de reconhecimento facial das emoções e reforça a Teoria da Seletividade Socioemocional em idosos, além da importância do contexto social, familiar e emocional nos estudos da cognição social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, O.P.; ALMEIDA, S.A. Confiabilidade da versão brasileira da escala de depressão em geriatria (GDS) versão reduzida. **Arq. Neuro-psiquiatr.**, v.57, n. 2B, 1999.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders (DSM-5®)**. American Psychiatric Pub, 2013.

ANDRADE, C. R. *Associação entre apoio social e frequência relatada de auto-exame das mesmas no Estudo Pró-Saúde*. Dissertação de Mestrado. Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2001.

ANDRADE, N, C. et al. Reconhecimento de expressões faciais de emoções: padronização de imagens do teste de conhecimento emocional. **Psico** , v. 44, n. 3, p. 382-390, 2013.

BERTOLUCCI, P.H.F et al. O Mini-exame do estado mental em uma população geral. Impacto da escolaridade. **Arq.Neuro-psiquiatr.**, v. 5, p. 1-7,1994.

BOMFIM, A.J. Desempenho cognitivo e reconhecimento de expressões faciais das emoções com estímulos estáticos e dinâmicos em idosos com e sem depressão maior. **Programa de pós graduação em Psicologia**. São Carlos, 25/02/2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11099>>. Acesso em: 08 out. 2021.

CALDER, Andrew J. et al. Facial expression recognition across the adult life span. **Neuropsychologia**, v. 41, n. 2, p. 195-202, 2003.

CALVO, Manuel G. et al. Recognition of facial expressions of emotion is related to their frequency in everyday life. **Journal of Nonverbal Behavior**, v. 38, n. 4, p. 549-567, 2014.

CARNEIRO, R. S. Qualidade de vida, apoio social e depressão em idosos: relação com habilidades sociais. **Psicol. Reflex. Crit.** vol.20 no.2 Porto Alegre 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/prc/a/N478Dh5G85YhRMdXfmTj6Bj/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 08/10/2021.

COSTA-VIEIRA, H. A; SOUZA, W. C. O reconhecimento de expressões faciais e prosódia emocional: investigação preliminar em uma amostra brasileira jovem. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 19, n. 2, p. 119-127, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/epsic/a/99mrp3JBqQXyFQ4mZp8vZxz/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 08 out. 2021.

DE SOUZA, L. C. et al. The effects of gender, age, schooling, and cultural background on the identification of facial emotions: a transcultural study. **International psychogeriatrics**, v. 30, n. 12, p. 1861-1870, 2018.

DUARTE, Y. A. O. *Família: rede de suporte ou fator estressor - a ótica de idosos e cuidadores familiares*. 196 p. Tese (Doutorado em Enfermagem) - **Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo**, São Paulo, 2001.

EKMAN, P; CORDARO, D. What is meant by calling emotions basic. **Emotion review**, v. 3, n. 4, p. 364-370, 2011.

FERREIRA, C. D; TORRO-ALVES. N. Facial emotion recognition in aging: a systematic review. **Universitas Psychologica**, v. 15, n. SPE5, p. 1-12, 2016. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1657-92672016000500022&script=sci_arttext&lng=pt. Acesso em: 08 out. 2021.

FIDALGO, A. R. Suporte social e qualidade de vida no envelhecimento: uma revisão sistemática. **Estação Científica - Juiz de Fora**, nº 19, janeiro – junho / 2018. Disponível em: <http://portal.estacio.br/media/3730426/suporte-social-e-qualidade-de-vida-no-envelhecimento.pdf>. Acesso em: 08 out. 2021.

FIELD, A. Descobrendo a estatística usando o SPSS (2th edn., Chapt. 2). **Artmed, Porto**, v. 245, 2011.

FONSECA, J. S; MARTINS, G. A. Curso de Estatística. 6ª Edição. São Paulo: Atlas; 1996.

GARCIA, A. et al . A depressão e o processo de envelhecimento. **Ciênc. cogn.** Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p.111-121, mar 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212006000100010. Acesso em: 08 out. 2021.

GARRIDO, M. V; AZEVEDO, C; PALMA, T. Cognição social: Fundamentos, formulações atuais e perspectivas futuras. **Psicologia: Revista da Associação Portuguesa Psicologia**, v. 25, n. 1, p. 113-157, jun. 2011.

GUR, R.C. et al. A method for obtaining 3-dimensional facial expressions and its standardization for use in neurocognitive studies. **Journal of Neuroscience Methods**, v.115, n. 2, p. 137-143, 2002.

JOHNSON, D. R.; WHITING, W. L. Detecting subtle expressions: Older adults demonstrate automatic and controlled positive response bias in emotional perception. **Psychology and aging**, v. 28, n. 1, p. 172, 2013.

LUCHESE, B.M et al. O convívio com os idosos está relacionado a um melhor desempenho no reconhecimento de expressões faciais de emoção entre os idosos. **Arco. Clin. Psiquiatria (São Paulo) [online]**. 2018, vol.45, n.4, pp.82-87. ISSN 0101-6083. <http://dx.doi.org/10.1590/0101-60830000000164>.

MIENALTOWSKI, A. et al. The visual discrimination of negative facial expressions by younger and older adults. **Vision research**, v. 81, p. 12-17, 2013.

NOGUEIRA, E. J. et al. < b> Rede de Relações Sociais e Apoio Emocional: Pesquisa com Idosos. **Iniciação Científica Cesumar**, v. 11, n. 1, p. 65-70, 2009.

ORGETA, V; PHILLIPS, L. H. Effects of age and emotional intensity on the recognition of facial emotion. **Experimental aging research**, v. 34, n. 1, p. 63-79, 2007.

ORGETA, V.. Effects of age and task difficulty on recognition of facial affect. **Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences**, v. 65, n. 3, p. 323-327, 2010.

SASSON, N. J et al (2010). Controlling for Response Biases Clarifies Sex and Age Differences in Facial Affect Recognition. **Journal of Nonverbal Behavior**, 34(4), 207-221. doi 10.1007/s10919-010-0092-z.

SOUSA, C. Emoções e expressão facial: Novos desafios. **Psicologia**, v. 24, n. 2, p. 17-41, 2010.

SCHERER, K. R.; SCHERER, U. Assessing the ability to recognize facial and vocal expressions of emotion: Construction and validation of the Emotion Recognition Index. **Journal of Nonverbal Behavior**, v. 35, n. 4, p. 305, 2011.

TANZER, M; AVIDAN, G; SHAHAR, G. Does social support protect against recognition of angry facial expressions following failure?. **Cognition & emotion**, v. 27, n. 7, p. 1335-1344, 2013.

YANG, T. et al. Social perception and aging: The relationship between aging and the perception of subtle changes in facial happiness and identity. **Acta psychologica**, v. 179, p. 23-29, 2017.

ANEXOS

ANEXO A - Apgar Familiar

A	Estou satisfeito(a) com a ajuda que recibo da minha família, sempre que alguma coisa me preocupa.	Quase Sempre Algumas Vezes Quase Nunca	2 1 0
B	Estou satisfeito(a) pela forma como a minha família discute assuntos de interesse comum e compartilha comigo a solução do problema.	Quase Sempre Algumas Vezes Quase Nunca	2 1 0
C	Acho que a minha família concorda com o meu desejo de encetar novas actividades ou de modificar o meu estilo de vida.	Quase Sempre Algumas Vezes Quase Nunca	2 1 0
D	Estou satisfeito com o modo como a minha família manifesta a sua afeição e reage aos meus sentimentos, tais como irritação, pesar e amor.	Quase Sempre Algumas Vezes Quase Nunca	2 1 0
E	Estou satisfeito com o tempo que passo com a minha família.	Quase Sempre Algumas Vezes Quase Nunca	2 1 0
Pontuação de 7 a 10 – Família altamente funcional Pontuação de 4 a 6 – Família com moderada disfunção Pontuação de 0 a 3 – Família com disfunção acentuada			

ANEXO B – Medical Outcome Study (MOS)

QUESTIONÁRIO MOS-SSS-P

As seguintes questões fazem referência ao apoio ou ajuda da que dispõe

1. Aproximadamente, quantos amigos íntimos ou familiares próximos tem? (Pessoas com as que esta à vontade e pode falar de todo o que quiser).

Escreva o número de amigos íntimos e familiares

próximos.

A gente procura outras pessoas para ter companhia,

assistência ou outro tipo de ajuda. Com que frequência dispõe de cada um dos seguintes tipos de apoio quando precisa?

Assinale com um círculo um dos números de cada fila

		Nunca	Rara- mente	Às Vezes	Quase Sempre	Sempre
2	Alguém que o ajude, se tiver que estar de cama	1	2	3	4	5
3	Alguém com quem falar quando precise	1	2	3	4	5
4	Alguém que lhe dê conselhos se tiver problemas	1	2	3	4	5
5	Alguém que o leve ao médico quando o necessite	1	2	3	4	5
6	Alguém que lhe dê sinais de carinhos, amor ou afectos	1	2	3	4	5
7	Alguém com quem passar um bom bocado	1	2	3	4	5
8	Alguém que lhe dê uma informação e o ajude a entender uma situação	1	2	3	4	5
9	Alguém em quem confiar ou com quem falar de si próprio e das suas preocupações	1	2	3	4	5
10	Alguém que lhe dê um abraço	1	2	3	4	5
11	Alguém com quem poder relaxar	1	2	3	4	5
12	Alguém para preparar as suas refeições se não as pode fazer	1	2	3	4	5
13	Alguém cujo conselho deseje	1	2	3	4	5
14	Alguém com quem fazer coisas que o ajudem a esquecer os seus problemas	1	2	3	4	5
15	Alguém que o ajude nas tarefas diárias se ficar doente	1	2	3	4	5
16	Alguém com quem falar dos seus medos e problemas mais íntimos	1	2	3	4	5
17	Alguém que lhe dê conselhos para ajudar a resolver os seus problemas pessoais	1	2	3	4	5
18	Alguém para se divertir	1	2	3	4	5
19	Alguém que compreenda seus problemas	1	2	3	4	5
20	Alguém quem amar e lhe faça sentir-se querido	1	2	3	4	5

ANEXO C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS CENTRO DE CIÊNCIAS
BIOLÓGICAS E DA SAÚDE DEPARTAMENTO DE GERONTOLOGIA****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO****(Resolução 466/2012 do CNS)****INFLUÊNCIA DA MÚSICA NO RECONHECIMENTO DE EMOÇÕES FACIAIS
EM IDOSOS**

O(a) Senhor(a) está sendo convidado(a) para participar da pesquisa *Influência da música no reconhecimento de emoções faciais em Idosos*. O objetivo deste estudo é avaliar se a música influencia a capacidade do idoso em reconhecer emoções faciais. O(a) senhor(a) foi selecionado(a) por ter idade igual ou superior a 60 anos e frequentar o Centro de Referência do Idoso Vera Lúcia Pilla. Vale lembrar que sua participação é voluntária, portanto o(a) senhor(a) pode desistir de participar e retirar seu consentimento a qualquer momento. Ao recusar, o(a) senhor(a) não trará nenhum prejuízo na relação com o pesquisador ou com a instituição que forneceu os dados.

A coleta de dados será realizada em dois dias, sendo que no primeiro o senhor deverá responder a um questionário sobre o seu apoio social e familiar, com duração aproximada de 15 minutos e na sequência será realizado um teste de reconhecimento de faces, com duração aproximada de 20 minutos. Neste teste serão apresentadas imagens de rostos humanos com diferentes expressões faciais na tela de um computador. Você deverá julgar se a face expressa alegria, tristeza, nojo, raiva, surpresa ou medo. Eu, como pesquisador, farei a atividade com o(a) senhor (a) para auxiliá-lo (a) no uso do computador. No segundo encontro, o senhor repetirá o mesmo teste de faces enquanto ouve uma música. Os dados serão coletados pelo pesquisador no Centro de Referência do Idoso em dias e horários que o senhor já frequenta, ou se preferir, podemos agendar um horário na sua casa.

Suas respostas serão tratadas de forma anônima e seu nome não será revelado em nenhuma fase do estudo, se for necessário exemplificar uma situação, sua privacidade será assegurada. Os dados coletados poderão ter seus resultados divulgados em eventos, revistas e trabalhos científicos.

A participação nessa pesquisa oferece risco do(a) senhor(a) apresentar algum desconforto, cansaço, ou constrangimento, seja durante os questionários ou durante o teste de reconhecimento facial já que as tanto as perguntas quanto a música podem evocar sentimentos ou lembranças desagradáveis. Caso alguma coisa ocorra, o(a)

senhor(a) pode optar pela suspensão imediata de sua participação podendo remarcar ou cancelar seu consentimento.

O(a) senhor(a) não terá nenhum custo ou compensação financeira para participar do estudo, porém, todas as despesas como o transporte e a alimentação decorrentes da participação na pesquisa, se for o caso, serão ressarcidas no dia da coleta e seus direitos, como por exemplo indenização por danos oriundos da participação na pesquisa, estão garantidos.

Este trabalho poderá contribuir na ampliação do conhecimento as emoções e suas relações com a música nos idosos.

O(a) senhor(a) irá receber uma via assinada deste termo, rubricada nas páginas por você e pelo pesquisador, onde está o telefone e o endereço do pesquisador principal. Você pode tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação a qualquer momento diretamente com o pesquisador ou com o Comitê de ética em Pesquisa da UFSCar.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró- Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8028. Endereço eletrônico: ceohumanos@ufscar.br

Endereço para contato:

Pesquisador Responsável: Júlia Fernandes do Amaral

Endereço: Rua Dona Alexandrina, 1809 apto 02

Contato telefônico: (11) 99189-7587 e-mail: jfamali@hotmail.com

Local e data:

Nome do Pesquisador

Assinatura do Pesquisador

Nome do Participante

Assinatura do Participante

ANEXO D - Parecer consubstanciado do CEP

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCar****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: INFLUÊNCIA DA MÚSICA NO RECONHECIMENTO DE EMOÇÕES FACIAIS EM IDOSOS

Pesquisador: LETICIA PIMENTA COSTA GUARISCO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 85908218.8.0000.5504

Instituição Proponente: Departamento de Gerontologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.569.991

Apresentação do Projeto:

A música tem capacidade de afetar o ser humano nas mais diversas formas, influenciando inclusive as emoções. Conforme o ser humano envelhece, a música acaba se tornando uma fonte de memórias capazes de despertar lembranças boas e ruins. Esta pesquisa partiu da seguinte indagação: a música pode afetar a capacidade do idoso em discernir as 5 emoções faciais (alegria, tristeza, medo, raiva e nojo)? O principal objetivo deste estudo é avaliar se a música influencia a capacidade do idoso em reconhecer emoções faciais. Além disso, pretende-se avaliar a influência do

suporte social no reconhecimento de emoções faciais. Para isso, propõe-se um estudo com delineamento transversal, observacional e descritivo com amostra de conveniência formada por idosos frequentadores de um centro de convivência para idosos. Para avaliar o reconhecimento de emoções faciais será aplicado o instrumento Penn Emotion Recognition Test em dois momentos, sendo o primeiro na ausência de músicas e o segundo, realizado de 10-15 dias após o primeiro, com audição de música alegre ou triste. Para avaliar o convívio

familiar e social destes idosos serão aplicados a Avaliação de Funcionalidade Familiar, Apgar de Família, e o questionário Medical Outcomes Study (MOS) no primeiro dia de coleta.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

CEP: 13.565-905

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

(16)3351-9683

Telefone:

SAO

E-mail:

Município: CARLOS

cephumanos@ufscar.br

Continuação do Parecer: 2.569.991

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Avaliar se a música influencia a capacidade do idoso em reconhecer emoções faciais.

Objetivo Secundário:

- Avaliar a influência da música feliz no reconhecimento de emoções faciais
- Avaliar a influência da música triste no reconhecimento de emoções faciais;
- Avaliar a influência do suporte social e familiar reconhecimento de emoções faciais

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e benefícios contemplados.

Riscos:

A pesquisa não oferece risco imediato, no entanto a participação do idoso pode causar algum desconforto ou perturbação emocional, já que músicas podem evocar sentimentos ou lembranças agradáveis ou desagradáveis, trazendo assim um sentimento não esperado como depressão, angústia ou nostalgia para o idoso participante. Será

explicado aos participantes que eles podem suspender o teste a qualquer momento, se julgarem necessário. As avaliações realizadas são

totalmente indolores. Benefícios:

A pesquisa não oferece benefícios diretos para o idoso, sendo seus fins puramente

científicos, com contribuições sobre o estudo do reconhecimento das emoções faciais e música.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

-

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termos apresentados: TCLE, folha de rosto, anuência da instituição.

Recomendações:

Recomenda-se que caso algum aluno ou docente seja inserido no projeto que o pesquisador o insira nesta plataforma como equipe de pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado sem pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
do Projeto	Informações Básicas RMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P OJETO_1055695.pdf	08/03/20 18 15:33:0 0		Acei to
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autorizacaoCRI.pdf	08/03/20 18 15:28:5 2	LETICIA PIMENTA COSTA GUARISCO	Acei to
Folha de Rosto	FolhaRosto.pdf	07/03/20 18 09:31:41	LETICIA PIMENTA COSTA GUARISCO	Acei to
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetocompleto.pdf	07/03/20 18 09:21:1 4	LETICIA PIMENTA COSTA GUARISCO	Acei to

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	07/03/20 18 09:19:4 3	LETICIA PIMENTA COSTA GUARISCO	Acei to
--	----------	--------------------------------	---	------------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 28
de Março de 2018

Assinado por: Priscilla Hortense(Coordenador)